

**DIDÁTICAS INSURGENTES DA RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE NO
ENSINO DE FILOSOFIA**

**INSURGENT DIDACTICS OF THE TEACHER AND STUDENT RELATIONSHIP IN
PHILOSOPHY TEACHING**

**DIDÁCTICA INSURGENTE DE LA RELACIÓN PROFESOR Y ALUMNO EN LA
ENSEÑANZA DE FILOSOFÍA**

Fabrício Oliveira da Silva¹ 0000-0002-7962-7222

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana – Feira de Santana, Bahia, Brasil; fosilva@uefs.br

RESUMO:

O trabalho tem como objetivo compreender as didáticas insurgentes que professores de Filosofia desenvolvem na universidade. As discussões partem da compreensão de conceber que os professores da área de Filosofia habitam a profissão docente revelando práticas que emergem da relação com os estudantes e das tessituras peculiares do campo filosófico. O estudo ancora-se na abordagem (auto)biográfica, por facultar a aproximação do objeto de estudo com a epistemologia (auto)biográfica, pois quem narra a própria vida, ao narrar, estabelece relações temporais e situacionais consigo mesmo e com aqueles com quem se relaciona pedagogicamente durante a sua atuação profissional. O dispositivo de pesquisa utilizado foram as entrevistas narrativas, desenvolvidas com quatro professores que atuam nos cursos de licenciatura em Filosofia em duas universidades públicas do estado da Bahia. Os resultados apontaram que as didáticas insurgentes estão caracterizadas por estratégias que os docentes utilizam para desenvolver aulas de Filosofia na universidade, mobilizados pela necessidade de interação professor e estudante nos contextos de aulas remotas.

Palavras-chave: didáticas insurgentes; docência universitária; ensino de filosofia; pesquisa (auto)biográfica.

ABSTRACT:

The work aims to understand the insurgent Didactics that Philosophy professors develop at the university. The discussions start from the understanding of conceiving that professors in the field of Philosophy inhabit the teaching profession, revealing practices that emerge from the relationship with students and from the peculiar fabrics of the philosophical field. The study is anchored in the (auto)biographical approach, as it allows the approximation of the object of study to the (auto)biographical epistemology, because whoever narrates his own life, when narrating, establishes temporal and situational relationships with himself and with those with whom he narrates. relates pedagogically during their professional performance. The research device used was the narrative interviews, developed with four professors who work in the degree courses in Philosophy at two public universities in the state of Bahia; The results showed that insurgent Didactics are characterized by strategies that teachers use to develop Philosophy classes at the university, mobilized by the need for teacher and student interaction in the context of remote classes.

Keywords: insurgent didactics; university teaching; philosophy teaching; (auto)biographical research.

RESUMEN:

El trabajo tiene como objetivo comprender la didáctica insurgente que desarrollan los profesores de Filosofía en la universidad. Las discusiones parten de la comprensión de concebir que los profesores del campo de la Filosofía habitan la profesión docente, revelando prácticas que emergen de la relación con los estudiantes y de los tejidos peculiares del campo filosófico. El estudio está anclado en el enfoque (auto)biográfico, en tanto permite la aproximación del objeto de estudio a la epistemología (auto)biográfica, pues quien narra su propia vida, al narrar, establece relaciones temporales y situacionales consigo mismo y con aquellos. con quien narra, se relaciona pedagógicamente durante su desempeño profesional. El dispositivo de investigación utilizado fue la entrevista narrativa, desarrollada con cuatro profesores que actúan en los cursos de licenciatura en Filosofía de dos universidades públicas del estado de Bahía; Los resultados mostraron que la Didáctica insurgente se caracteriza por las estrategias que utilizan los docentes para desarrollar las clases de Filosofía en la universidad, movilizados por la necesidad de interacción docente y alumno en el contexto de las clases a distancia.

Palabras clave: didáctica insurgente; docencia universitaria; enseñanza de la filosofía; investigación (auto)biográfica.

Introdução

No contexto das Didáticas desenvolvidas na docência universitária, a profissão docente é tecida no exercício diário das relações que o professor constrói consigo mesmo, na produção de saberes educativos, bem como na relação com os sujeitos com quem interage no processo formativo, tendo em vista os sentidos da formação desenvolvida no cotidiano da universidade. Seus saberes didáticos e pedagógicos - constituintes da profissionalidade como a concebemos - são mobilizados diuturnamente. No tocante ao desenvolvimento ao desenvolvimento de Didáticas insurgentes, a partilha e reflexão da e sobre a prática torna-se constitutiva e basilar. Mas também, outros elementos passam a figurar nesse processo, gerando condições para a produção de saberes didáticos inerentes ao exercício da profissão, dadas as condições em que os professores se encontram e vivenciam.

Assim sendo, torna-se vital para o ensino que os docentes valorizem e reflitam sobre a própria profissão, buscando, nisso, desenvolvimento de atitudes que ressignifiquem uma Didática cotidiana do ensinar e do aprender. São por meio de atitudes efetivas que o docente desenvolve na profissão, buscando ressignificar os sentidos do seu fazer, que a Didática, enquanto campo epistêmico da profissão docente se apresenta como uma dimensão que se coloca a prova a cada experiência constituída no fazer do professor. Paira uma ideia de que o docente será mais efetivo na sua profissão se desenvolver experiencialmente os saberes que lhe são constituintes para lograr êxito no desenvolvimento profissional. Conhecer como as didáticas são tecidas por professores Filosofia, no cotidiano de práticas educativas desenvolvidas na universidade emerge como foco do presente trabalho.

Nesse sentido, os participantes da pesquisa mostraram trabalhar com a concepção de uma didática motivacional, que eu chamei aqui de insurgente, exatamente por ela ser tecida na necessidade cotidiana, demarcada por contextos específicos que levaram os professores a problematizar e a construir modos próprios de tecer e habitar a profissão docente. Mesmo considerando as dificuldades de acesso às tecnologias e dos desafios de manter os estudantes conectados, os professores colaboradores do estudo buscaram algumas inovações, ainda que eles mesmos reconhecessem que a dificuldade era muito mais estrutural do que motivacional ou de disponibilidade para se abrir a novas aprendizagens no âmbito da docência universitária, no contexto do ensino de Filosofia em caráter remoto.

O ensino de Filosofia na universidade tem sido problematizado por alguns estudiosos, tendo em vista o fato de que ensinar Filosofia implica ensinar modos de desenvolvimento de leitura e de produção do conhecimento. Assim, é preciso pensar sobre a especificidade dessa disciplina, sobretudo no que tange às didáticas de ensino de leitura nesse campo. Não tão raro, essa problemática vem sendo tecida também no âmbito das discussões em torno do Ensino Médio, em que pensar as questões do ensino de Filosofia implica pensar na natureza da Filosofia e de como a partir disso o ensino se efetiva (ROCHA, 2008). Segundo o que preconiza esse referido autor, no ensino de Filosofia se faz necessário suspender os juízos sobre as coisas, objetos, a fim de tematizar os conceitos que os fundamentam ou que, em outras palavras, emergem dele. Nessa direção, ensinar Filosofia tem lá suas especificidades e singularidades, dentre as quais está o modo como os conceitos são produzidos a partir de mobilizações que quem ensina produz.

Nesse percurso reflexivo, é que essa pesquisa traz como tema a seguinte proposição: Na docência universitária os professores de Filosofia engendram modos próprios, logo de produção de didáticas insurgentes, para ensinar Filosofia na universidade. Posta tal ideia, a pesquisa trilhou a partir de uma problemática que evoca especificidades da docência em contextos de ensino de Filosofia, engendrando uma reflexão operativa que partiu da seguinte indagação: Como os professores de Filosofia, que atuam em cursos de Licenciatura em Filosofia, produzem didáticas insurgentes na universidade?

Considerando que há uma questão central a ser pensada na atividade docente na universidade, que leva em consideração a relação professor e estudante, os modos de ensinar e de aprender ancoram-se nos movimentos que o professor e o estudante fazem, para respectivamente, terem condições de desenvolverem os processos, segundo Anastasiou (2009), de ensinagem e de aprendizagem. Neste sentido, é de bom alvitre que se conheça essa relação e os referidos processos, considerando o cotidiano das práticas educativas que os docentes da

área de Filosofia desenvolvem, a fim de que se possa elucidar modos próprios, didáticas específicas e estratégias que docentes utilizam para viabilizar a promoção do ensino de Filosofia da universidade..

O contexto em que se assenta o presente estudo traz à baila as Didáticas insurgentes como um revelador das práticas educativas que professores de Filosofia desenvolvem na universidade. Assim, interessou-me compreender as estratégias didáticas que professores de Filosofia desenvolvem na universidade. Ademais, interessou-me, ainda, saber como os docentes têm desenvolvido práticas educativas para desenvolvimento de leitura na área de Filosofia.

Abordagem (auto)biográfica como trama metodológica

Na seara das narrativas e da abordagem biográfica, Franco Ferrarotti é um dos autores que tem se debruçado na análise das questões sobre o trabalho com o método biográfico, razão pela qual muitos pesquisadores têm utilizado os seus preceitos sobre os estudos biográficos. Há um interessante artigo desse autor, intitulado: “Sobre a autonomia do método biográfico”, publicado em (1988), no qual ele observa que a aplicação do método biográfico desencadeou importantes embates teóricos no decurso de sua evolução, numa luta contínua pelo reconhecimento de seu estatuto científico como método autônomo de investigação.

Segundo Delory-Momberger (2012) a dimensão formativa do método (auto)biográfico evoca algumas questões sobre a natureza das operações que realiza sobre o vivido, e a maneira pela qual o homem integra em sua experiência biográfica as situações e os eventos que acontecem com ele ou que a ele são narrados por alguém. Nessa lógica, os eventos da prática educativa, por meio das quais professores de Filosofia tecem o ensino, evidencia a possibilidade de compreensão de como a aprendizagem do ensino de Filosofia se constitui a partir das singularidades da área, bem como dos modos próprios que cada docente desenvolve para ensinar Filosofia na universidade. Há, portanto, de se considerar a contribuição do fenômeno de narratividade para a construção de uma hermenêutica filosófica da prática docente, que se singulariza pelas singularidades da docência em Filosofia.

Nesta pesquisa, adotei a abordagem (auto)biográfica não só como um importante elemento de compreensão das práticas educativas de professores de Filosofia, mas sobretudo como um dispositivo de formação. Penso que ao produzir narrativas sobre si, logo sobre como exercem a docência universitária no curso de Filosofia, os sujeitos desta pesquisa se inseriram numa condição de reconstruir e de refletir sobre alguns momentos por eles vividos, fazendo aflorar os significados que o ato de narrar é capaz de promover, vez que ele se dá a partir da

ideia de que é preciso fazer escolhas sobre o quê, quando e como, um momento deve ser reconstruído. É nessa reconstrução que produzimos sentidos, percebendo a distinção entre duas dimensões temporais em que a experiência é ressignificada: o tempo em que ela ocorreu e um tempo em que ela foi reconstruída pela linguagem.

Como dispositivo de pesquisa, foram utilizados relatos narrativos, colhidos por meio de entrevistas narrativas, de professores a fim de que cada sujeito possa relatar, narrativamente, sua compreensão sobre o processo ensino de leitura que adota na universidade. Esse dispositivo será importante, pois evidenciará como cada sujeito relata e reflete sobre sua própria concepção. Trata-se de um dispositivo que possibilita que os participantes, diante de um roteiro prévio estruturado por uma questão central, possam falar livremente sobre o tema abordado. Assim sendo, a questão central é montada considerando o fio condutor da narrativas dos professores, qual seja, como eles desenvolvem a docência no curso de Filosofia, tendo em vista as especificidades da área e a dinâmica de formar professores de Filosofia. A tônica, portanto, foi a de coletar informações advindas de uma narrativa livre, a partir da qual os professores tinham apenas que narrar suas experiências na docência universitária no curso de Filosofia, abordando, livremente, seus fazeres, práticas e didáticas.

No que tange ao cenário em que o estudo foi realizado, há de se considerar o fato de que as entrevistas ocorreram em um momento de isolamento social, dado o contexto de pandemia. Assim sendo, o cenário foi amplamente virtual, utilizando-se diferentes mecanismos para coleta das informações. De modo remoto, foram realizadas quatro entrevistas duas outras utilizando a plataforma *google meet*

Participaram do estudo três professores e uma professora, todos convidados por mensagem enviada por e-mail. Um contato prévio, explicando os objetivos da pesquisa, possibilitou que os participantes pudessem conhecer do que se tratava o estudo. Inicialmente enviei e-mail a dez professores que atuam nos cursos de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Apenas sete responderam ao e-mail, três informando impossibilidades no momento e outros quatro se colocando à disposição para colaborar com o estudo.

Num segundo momento, fiz contato com cada participante, marcando um horário específico, a partir da disponibilidade de suas agendas para que eu pudesse fazer a entrevista. Feito isso, se deu a ocorrência das entrevistas, que duraram em média de vinte e dois a trinta e oito minutos. Na entrevista, elaborei uma questão central, a partir da qual pedia aos professores que narrassem suas experiências com o ensino de Filosofia na universidade, abordando aí suas práticas e modos de tecer o ensino.

Após a realização das entrevistas, o material foi transcrito e categorizado a partir do método interpretativo compreensivo, separando os núcleos temáticos em duas categorias centrais: Uma denominada de tessituras do ensino de Filosofia na universidade e outra de Didáticas insurgentes no ensino e Filosofia. A partir dessas duas categorias, busquei desenvolver discussões a partir do que sinalizavam os professores ao narrarem suas experiências com a docência universitária, focalizando o olhar para mapear os sentidos das singularidades da docência, buscando, assim, perceber como os professores articulavam preocupações com o ensino de Filosofia e com a própria formação de professores.

Didáticas insurgentes: arquitetano o ensino de Filosofia na universidade

O contexto pandêmico emergiu fortemente nas narrativas dos colaboradores, apontando para um cenário que enfoca uma outra dimensão de problemática do ensino de Filosofia, que tem a ver com as relações entre professores e estudantes que estabelecem modos operativos de desenvolver ensino e aprendizagem não estando conectados presencialmente.

Nesse aspecto, intitulei de Didáticas insurgentes àquelas que foram sinalizadas pelos colaboradores como elementos centrais para se pensar o processo de construção dos caminhos pedagógicos para trabalhar o ensino de Filosofia na universidade. Nesse sentido, emergiram informações interessantes que apontaram para a necessidade de estabelecimentos de procedimentos didáticos, antes não utilizados em sala de aula presencialmente, como foi o caso de colaboradores dizendo ter feito exibição de vídeos, animações, e criando jogos na plataforma *kahoot*¹ para sensibilizar e motivar os estudantes a participarem da aula. Outros professores utilizando dispositivos para a criação de avatar para trabalhar a personificação pessoal, mas também dos filósofos com os quais trabalhavam em aulas.

Assim, há de se considerar que o tema central que constrói a relação entre professores e estudantes no ensino de Filosofia encontra ancoragem nas discussões da linguagem filosófica, em que os discursos ganham singularidade e notoriedade de registros que revelam expressões e estruturas muito pertinentes ao campo filosófico. Nesse sentido, o discurso, entendido aqui como forma operativa por meio da qual a Filosofia se revela como área de conhecimento portadora de características bastante peculiares, consolida-se pelo viés da valorização e da veiculação da produção de ideias e pensamentos, logo pela produção de conceitos. Tal

¹ Trata-se de uma plataforma de aprendizado baseada em jogos, usada como tecnologia educacional em escolas e outras instituições de ensino. Seus jogos de aprendizado, “Kahoots”, são testes de múltipla escolha que permitem a geração de usuários e podem ser acessados por meio de um navegador da Web ou do aplicativo Kahoot. Informação disponível em: <https://ceduc.unifei.edu.br/tutoriais/como-utilizar-a-plataforma-kahoot/> Acesso em 10 nov. 2021.

perspectiva é vista em um fragmento do professor Artur², que também pode ser vista em outro fragmento da narrativa da professora Silva. Sobre a linguagem filosófica, os colaboradores consideram que:

Particularmente eu, como professor de Filosofia, acho que essa área tem um discurso próprio, tem uma amarração que a gente identifica ser da Filosofia. Por exemplo, um texto filosófico é diferente de um texto científico, da história, da literatura e de outros textos. Isso é algo que eu sempre pensei em ter que aprender desde que eu era aluno da escola [...] (Artur, entrevista narrativa, 2021).

[...] a gente trabalha com diversas estratégias e textos, sejam online ou no presencial, mas eu sempre tento mostrar para os alunos dentro do conteúdo, de minha aula, nas referências que vou mostrando, as características do pensamento filosófico, da ideia filosófica, entende e do texto filosófico que é diferente de outros textos, de outros tipos. (Silvia, Entrevista Narrativa, 2021).

A compreensão de uma tipificação do texto filosófico aparece nas narrativas como elemento caracterizador do texto filosófico, logo do discurso que se tece na Filosofia. Parece ficar implícita a ideia de que tal característica do texto, do discurso é objeto de ensino. É um identificador da área, do modo como o texto é construído, lido e, conseqüentemente, trabalhado na dimensão pedagógica. Nessa ideia parece haver um engendramento discursivo da área que é tomado como central para a produção do ensino em Filosofia.

Creio está nessa dimensão a primeira pista para entendermos que no ensino de Filosofia a discursividade da área é um dos modos tomados pelos professores para realizar o ensino. Há nessa ideia, ainda que de modo embrionário, não podendo ser generalizada, uma compreensão de que o texto se revela com características peculiares na Filosofia, possibilitando, assim, o desenvolvimento de uma leitura do texto filosófico, defendida por Lyotard (1993) como leitura filosófica, que, por sua vez, resvala no modo como os próprios docentes da área constroem tessituras próprias do ensino nesse campo.

Isso acontece na medida em que o professor se apoia na ideia de haver singularidades discursivas na Filosofia e a partir delas exerce a atividade de ensino, que conseqüentemente, embora de modo inconsciente, inspira a discursividade com a qual as didáticas são desenvolvidas no âmbito do curso, gerando aproximações entre a prática do professor e as singularidades discursivas da linguagem em Filosofia, possibilitando, aí, construir-se um modo próprio dos professores habitarem a docência nessa área.

Diante de tal evidência, ainda que pouco provável de ser generalista, acredito que é a partir do trabalho com a linguagem que deve ser o ensino tecido nos cursos de Filosofia, ou

² Nomes fictícios, conforme reconizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana que aprovou a esquisa da qual o presente texto se originou.

seja, ele deve estimular a desmontagem das regras de produção dos discursos. Tal ideia implica reconhecer que a docência em Filosofia é tecida, também, na condição que tem o professor de montar e de mostrar as regras da produção discursiva, garantindo que os estudantes sejam também operadores de tal dinâmica. De acordo com Fabrini (2005), o contato com o subterrâneo dos textos, com as ordens das razões e da arte retórica, pode armar os alunos de um "repertório de *topoi*", de uma "grelha crítica" que amplie sua intimidade com a linguagem, consequentemente com o texto de natureza filosófica – mesmo que essa prática coloque no centro o problema dos conteúdos programáticos, ou seja, dos limites ou margens da Filosofia (Fabrini, 2005 p.220; Silva, 1986, p.15-30).

Há, no entanto, de se considerar os problemas e imersão em leitura que os estudantes precisam fazer e que os professores alegam ser uma dificuldade, por duas razões centrais segundo a própria narrativa deles:

As dificuldades de leitura são grandes nos estudantes. Eu vejo que eles primeiro leem muito pouco ou nem leem o que a gente pede. Segundo porque eles têm muita dificuldade de entender e interpretar um texto. E essa dificuldade faz com que eles pouco leiam, que, sabe, abandonem mesmo a leitura e fiquei ali tentando pegar as coisas com os colegas ou com a gente mesmo. [...] eu tenho horas que fico aborrecida quando eles não leem nada que a gente pede. (Silvia, Entrevista narrativa, 2021).

Todo semestre é a mesma coisa. É uma luta você fazer a turma ler o que você indica. No início eles até leem, mas depois, não leem não, viu e aí fica mais difícil de fazer eles entenderem. Eu, com essa coisa de aula remota, até criei uns jogos e brincadeiras pra ver se leriam, mas a galera é arranhada (risos) (Jaques, Entrevista narrativa, 2021).

Como se observa nos relatos, há duas situações que se colocam como problemática na representação dos professores sobre a leitura dos estudantes. Primeiro é o fato de que os estudantes leem pouco ou que não leem aquilo que é solicitado pelos professores. A própria narrativa revela que não ler um texto filosófico parece estar, também, relacionado às dificuldades e complexidades do próprio texto. Tal aspecto é evidenciado nas narrativas como segunda razão que dificulta o pleno desenvolvimento dos estudantes no que tange a leitura de textos filosóficos. Tal percepção aparece nas narrativas, mas pouco se evidencia a prática dos professores frente aos problemas por eles mesmos evidenciados. Apenas o professor Jaques diz fazer jogos para estimular a leitura, mas ele mesmo reconhece ser sem sucesso tal estratégia, pois os estudantes continuam revelando tais dificuldades e mostrando que a leitura não se concretiza por alguma razão.

A dificuldade de leitura tem se manifestado com muita evidência na universidade e suscitado preocupações entre professores e estudantes. A explicação para tal fato pode estar relacionada às dificuldades dos próprios estudantes, dado os problemas vivenciados na

trajetória formativa da educação básica. No entanto, na universidade, a prática de ensino de leitura parece não figurar com muita frequência na prática dos professores. Esse é um dado interessante que Silva e Oliveira (2021) apontam em pesquisa realizada com estudantes e professores do ensino superior. Segundo os referidos autores, uma das explicações revela que:

A entrada na universidade envolve uma série de mudanças em relação à trajetória escolar. Ao ingressarem neste novo ambiente, os estudantes se deparam com dúvidas, incertezas e questionamentos referentes ao ensino superior, bem como a inserção em uma realidade diferente da qual estavam acostumados a vivenciar desde a Educação Básica. Desta forma, o Ensino Superior exige um nível maior de esforço, de comprometimento e de dedicação, visto que, o mundo acadêmico exige adaptações em diversos aspectos (SILVA; OLIVEIRA, 2021 p. e.65470).

Além disso, há a constatação de que há uma dificuldade com a linguagem acadêmica, ou para o estudante universitário, de um modo geral, em diferentes áreas, é um complicador quando a prática de leitura é pouco desenvolvida na educação básica. A esse respeito, os autores consideram

Para além dessa dificuldade com a linguagem dos novos textos e a adaptação estratégica, a qual é de extrema importância diante das dificuldades existentes, existe o fator de pouco repertório de leitura. As narrativas sugerem a concepção de que a escola básica não oferece os mecanismos de preparo aos alunos e isto está associado como os próprios estudantes relatam, pelo pouco contado que tiveram com a leitura durante a vida escolar. (SILVA; OLIVEIRA, 2021 p. e.65470).

A leitura acadêmica tem sido um desafio para professores e alunos na universidade. Não são raras as queixas de professores que mostram haver um baixo desempenho de estudantes no que tange à leitura. No entanto, em se tratando de especificidades da área de Filosofia, alguns estudos apontam que o problema incide nos modos como os professores trabalham a leitura nessa área. Há uma perspectiva de se considerar que os estudantes já devem chegar à universidade sabendo ler todo tipo de texto e de gêneros distintos, principalmente os que se constituem a partir de diferentes bases discursivas no campo da Filosofia. Ler nesse campo, significa saber engendrar modos operativos em que os discursos se processam, com competência de entender as entrelinhas e como elas se constituem potentes pelo movimento da leitura que se faz dela. Isso implica a concepção de leitura do tipo filosófica, em que o estudante precisa ser ativo no processo, produzindo sentidos pela competência de conhecer o mecanismo da estrutura filosófica em que o texto foi montado.

Nessa direção reflexiva, é preciso considerar a relação de aprendizagem que se estabelece entre professores e estudantes na universidade, o que leva em consideração o modo como o estudante aprende com o professor. Em outras palavras, há de se considerar a ideia de que o ambiente, o outro e o próprio movimento reflexivo que o estudante faz gera condições

para aprender em um determinado campo do conhecimento. No que tange a discussão da pesquisa em tela, a aprendizagem da docência em Filosofia se assenta, também, nos princípios de uma aprendizagem por homologia, que significa aprender com o outro, sem a concepção de reprodução do feito, mas na inspiração a partir da qual o aprendiz gera saber e astúcias próprias da arte de ensinar.

As didáticas insurgentes, na formação de professores, consolidam-se também como forma de que o professor possa desenvolver estratégias de ensino e que por meio delas inspirem os estudantes a realizarem práticas educativas, logo que serão, também, professores. O professor Jorge abordou, em seu relato narrativo, considerações sobre como ele tem feito suas aulas, inclusive explicando e motivando os estudantes a desenvolverem estratégias parecidas com as que ele tem feito em suas aulas. Sobre isso, o professor comenta:

Nessa pandemia foi bastante difícil manter a atenção dos estudantes. Era bem complicado. Mas como professor da área de prática pedagógica, eu fiquei pensando em como desenvolver minhas aulas que servissem para os alunos também, pois ia ficar na teoria e não tinha como fazer nada prático, nada, assim, eu diria, nada assim como eles desenvolverem uma prática na sala com os colegas. Aí, o que eu fiz. Eu fiz uns jogos no *kahoot*, brincadeiras para avaliar a turma e fui colocando outras animações. Sabe, eu baixei um desses aplicativos e fiz meu avatar e depois pedi que eles fizessem um seminário fazendo o mesmo. [...] eles podem até não ter aprendido bem Filosofia, mas aprenderam estratégias e metodologias (risos) eu, sabe, investi nisso e gostei. Agora nem todos fazem, abrem câmera, um negócio isso viu. (Jorge, Entrevista narrativa, 2021.)

A ideia da didática insurgente no curso de Filosofia surgiu na narrativa como uma categoria que se expressa numa articulação em que a prática educativa é sempre motivada pelo cotidiano e pelas acontecimentos desse cotidiano. Nesse aspecto, desenvolver uma aula em que os recursos midiáticos são utilizados não nasce, necessariamente, da centralidade do fazer educativo do professor de Filosofia, mas nasce da necessidade de se alinhar o contexto de ensino remoto com a necessidade de aprender a utilizar estratégias pedagógicas à luz das tecnologias. Há, nessa perspectiva, uma clara relação com a ideia de inovação, enquanto ruptura de paradigmas tradicionais de ensino, em que o professor busca criar condições de reflexividade e de aprendizagem da docência a partir de uma perspectiva relacional demarcada pelo distanciamento físico.

Nesse cenário, didática insurgente aparece não como uma Didática inovadora, tecida no contexto das dimensões e práticas do ensino de Filosofia, mas mobilizada pela perspectiva de operacionalizar o ensino a partir da relação entre professor atuante e professores em formação inicial, que buscam não só aprender o conteúdo para ensinar, mas modos de ensinar os diferentes conteúdos que aprendem em suas formações. É nessa teia que o *kahoot*, enquanto

dispositivo tecnológico, aparece como uma das práticas de produzir estratégias de ensino e de avaliação. Nessa lógica, professores e alunos estabelecem uma relação de aprendizagem marcada pela inspiração em modos de operar a prática de ensino, em que a aprendizagem não se dá por imitação, mas por inspiração na prática do outro.

De certo modo, tal perspectiva aponta para a ocorrência de construção de possibilidades de ensinar e de aprender a ser professor, que se ancora nos modos como o docente, que atua em curso de licenciatura, exerce ensino para licenciandos, que estão em franca formação inicial para a docência. Trata-se de uma relação entre sujeitos aprendentes, pois o professor aqui também aprende, ancorado nas possibilidades de aprender com a prática do outro, inspirado nas artes do fazer e do construir didáticas insurgentes, o que para Silva e Alves (2020) é entendido como uma aprendizagem por homologia.

A aprendizagem por homologia, Segundo Silva e Alves (2020), parece figurar numa perspectiva das relações que se estabelecem entre os indivíduos no processo de formação inicial. São, segundo os referidos autores, relações que se evidenciam em diferentes focos, mas que convergem para singularidades do campo da docência. Conforme asseveram Silva e Alves, (2020, p. 3) “Assim, são relações entre professores em exercício e licenciando; relações de saberes no campo da teoria e prática, bem como relações que se evidenciam nas práticas cotidianas do fazer docente”.

Em defesa da concepção de como se dá a aprendizagem da docência pela relação homológica entre professor e estudante, explicam Silva e Alves (2020) que:

Desse modo, através dessas relações os sujeitos vão conquistando experiências educativas, as quais são aprendidas e apreendidas, conseqüentemente, pelo processo de homologia, que aqui, figurativamente, significa aprendizagem da docência na/pela relação entre professores em formação inicial e professores que já atuam na profissão em contextos cotidianos de atuação da docência. Assim sendo, a homologia é entendida como um modo de aprender com o outro, na convivência diária do tecer a profissão docente. Por homologia, no sentido figurado, a aprendizagem ocorre no ambiente de trabalho, motivada pela relação que o licenciando estabelece com o professor da educação básica, entendido como co-formador. (SILVA; ALVES, 2020, p.3).

Como consequência desse tipo de aprendizagem, o resultado é ter consciência de como se desenvolvem as aprendizagens a partir das relações que se desenvolvem na universidade. Enquanto estudantes, é comum termos a ideia de que aprendizagem para a docência se dá pela relação dialética e motivacional com os nossos professores. Essa relação demanda condições de aprendizagem que se fundamentam também pelas teias da motivação, o que significa, em algumas situações a vontade e determinação de querer ser professor em determinada área do conhecimento. Tal ideia, é também compartilhada por Josso (2004, p. 81) ao considerar que:

O trabalho sobre processos de aprendizagem, em articulação com o processo de formação, permite colocar mais especificamente em evidência as relações entre os processos de aprendizagem e a dimensão motivacional, apontando assim o contexto afetivo e significativo do seu desenvolvimento em torno da dialética interioridade/exterioridade.

A motivação da aprendizagem da docência é um dos elementos que adota os discentes do curso de Filosofia, em formação inicial, para compreender como os processos de relação se estabelecem na docência nesse campo específico. Portanto, é na relação que esses estudantes estabelecem com seus professores na universidade que os licenciandos em Filosofia desenvolvem aprendizagens da docência. Isso implica em reconhecer que há uma aprendizagem que se efetiva pelo fato dos licenciandos interagirem e aprenderem com quem interagem, por homologia, a serem professores.

É nessa perspectiva que a professora Silvia, considera que

[...] os estudantes que estão preocupados com o ensino sempre me pedem pra falar de como eu aprendi a dar aulas e a pensar o ensino em Filosofia. Eles, de certa maneira, e não todos, se mostram interessados e com certeza aprende com o meu jeito de fazer a aula acontecer. Em certa medida, eu acho que ensinar Filosofia passa a ideia de que eles aprendem a ser professores com a gente. Eu tenho essa ideia, sabe, Fabrício, não sei se com você acontece o mesmo, mas eu costumo dizer aos alunos e às vezes a ensinar como eu faço, planejo minhas aulas [...] (Silvia, Entrevista narrativa, 2021).

A relação entre professora e estudantes, mesmo considerando a motivação e poucos, é marcada pela curiosidade do querer saber como se ensina, como se arquiteta o ensino. No processo de formação inicial, tal condição pode suscitar aprendizagens aos estudantes, favorecendo modos de apropriação de como eles vão construir saberes e práticas da docência, principalmente em se considerando o ensino de Filosofia. Aprender com o outro, com a prática do outro, com o modo de raciocinar e de operacionalizar o ensino revela-se, nessa pesquisa, como uma possibilidade de instauração de formas dialógicas e colaborativas de aprender a ser professor, sobretudo quando por parte dos professores há abertura para isso.

Assim, a observação de como um professor se relacionava com os alunos, serve como uma condição de apropriação por homologia de processos de entendimento de licenciandos em Filosofia a respeito dos modos como a docência se efetiva. Ressalte-se que é, também, a partir do desenvolvimento de ações que se determinam o grau de aprendizagem que os estudantes desenvolvem saberes sobre a docência. Ser criativo, aberto ao diálogo e manter uma relação amistosa constitui um perfil profissional que parece favorecer as aprendizagens que, enquanto estudantes, desenvolvemos na relação com os nossos professores na universidade (PENNA 2007).

Para além da relação de aprendizagem em processos de homologia, o próprio professor habita a profissão construindo saberes na relação com o ambiente, com os colegas e sobretudo com as demandas que lhe são inerentes dados os contextos em que a prática de ensino acontece. Assim sendo, alguns professores evidenciaram ter criado algumas estratégias, mobilizados pelo contexto da pandemia e do isolamento físico. Há algumas coisas interessantes a se observar com relação ao próprio trabalho de leitura e de produção do conhecimento no campo filosófico.

Nesse aspecto, imperou criar uma condição de possibilitar a conectividade dele com os estudantes, garantindo que as aulas pudessem acontecer. Uma vez tal feito garantido, a opção do professor foi a de criar estratégias que se diferenciavam das por ele antes utilizadas, não porque tais estratégias fossem ruins, mas para suscitar a atenção dos estudantes, logo que o ensino remoto parecia algo dificultoso, por ter sido quase que imposto por uma condição do isolamento físico, em que a presença física na relação professores e estudantes estava impossibilitada, até mesmo por decretos governamentais.

Ao eleger *lives* para figurar como atividade assíncrona, o professor Jaques passou a valorizar outra linguagem e modo de veicular a produção de saberes no campo da Filosofia, mas com especial atenção para a sua própria prática de ensino. A aprendizagem experiencial se revelou como forma de lançar-se ao desafio de aprender a lidar com ferramentas e dispositivos tecnológicos, de modo a criar condições de habitar a profissão docente em um contexto bastante adverso. Se por um lado, variar a linguagem, utilizando *lives* e criando avatar para possibilitar interesse na leitura por parte dos estudantes, por outro, deslocar-se para desenvolver formações e aprendizagens sobre como construir uma sala virtual, mesmo com a ajuda do filho, se colocou como um obstáculo e um elemento dificultador.

Há de se considerar que o foco passou, ao longo do isolamento físico, a ser o criar condições para manter a relação pedagógica com os estudantes, sem necessariamente investir em condições de desenvolvimento e formação de saberes específicos. Mas há, contudo, de se validar a instauração de uma nova política de relação entre professor e estudante, demandada pela necessidade de se articular uma Filosofia que evocava modos para pensar a manutenção da existência de vida, de saúde mental e espiritual de estudantes e professores. Habitar a profissão docente, nesse contexto, deu lugar à condição de se habitar a própria vida, em que escapar da contaminação do vírus se tornou aprendizagem de maior peso, logo uma aprendizagem balizada pela Filosofia da vida.

Nessa direção, as narrativas evidenciaram a instauração de modos peculiares do professor habitar a profissão doente, em que a relação professor e estudante e a produção de

didáticas insurgentes emergiram com maior força, não sendo, portanto, possível concluir que a docência em Filosofia é tecida de modo singular, assim como singular é a leitura filosófica, concebida por Lyotard (1993). Por outro lado, há de se conceber o fato de que a docência em Filosofia revelou-se com preocupações inerentes ao profissional da área, que entre outras demandas tem por prerrogativa ensinar o estudante a reconhecer e identificar as tessituras do texto filosófico e de igual modo desenvolver aprendizagens por homologia, voltadas para a produção de estratégias de ensino.

Conclusões

O estudo permitiu concluir que não há receitas de ensino, não há didáticas insurgentes que sirvam para empréstimos ao trabalho do outro, que se encaixem na dinâmica do outro de desenvolver o seu trabalho na universidade. Muito pelo contrário, o estudo mostra que há uma singularidade do trabalho docente no contexto do ensino de Filosofia caracterizado pela imprevisibilidade da ação educativa. Sim, imprevisibilidade, pois cada feito didático se constrói numa dinâmica imprevisível que só encontra um caminho possível nas testagens que se produzem ao se levar em consideração a relação com o outro e a necessidade de manter acesa uma relação formativa, que gere sentidos do ato de aprender.

Nessa lógica, foi fundante considerar tanto o contexto pandêmico em que esse estudo se desenvolveu, bem como considerar as necessidades de se desconstruir paradigmas de ensino para se arvorar em outros, para criar didáticas insurgentes em que os jogos, brincadeiras e dispositivos passassem a figurar na cena do ensino, ainda que eles não tivessem na base da previsibilidade do trabalho de cada professor. Tecer a docência em Filosofia revelou-se com uma singularidade muito mais demarcada pelo contexto em que o ensino se efetiva, do que pela tipificação de ações que se produzem na área.

Nessa direção reflexiva, é preciso considerar a relação de aprendizagem que se estabelece entre professores e estudantes na universidade, o que leva em consideração o modo como o estudante aprende com o professor. Em outras palavras, há de se considerar a ideia de que o ambiente, o outro e o próprio movimento reflexivo que o estudante faz gera condições para aprender em um determinado campo do conhecimento. No que tange a discussão da pesquisa em tela, a aprendizagem da docência em Filosofia se assenta, também, nos princípios de uma aprendizagem por homologia, que significa aprender com o outro, sem a concepção de reprodução do feito, mas na inspiração a partir da qual o aprendiz gera saber e astúcias próprias da arte de ensinar.

Nessa direção, o problema do ensino de Filosofia é bem mais complexo do que demanda a necessidade de articular estratégias pedagógicas e de ensino. Há uma necessidade eminente de tecer o ensino arquitetado com diversos aspectos, principalmente com os históricos e conteúdos outros que também são responsáveis para produzir experiências formativas, às quais possibilitem no sujeito da aprendizagem a condição de produzir um saber articulado ao pensamento reflexivo filosófico logo ao pensamento que se origina de uma leitura filosófica.

A dificuldade de leitura tem se manifestado com muita evidência na universidade e suscitado preocupações entre professores e estudantes. A explicação para tal fato pode estar relacionada às dificuldades dos próprios estudantes, dado os problemas vivenciados na trajetória formativa da educação básica. No entanto, na universidade, a prática de ensino de leitura parece não figurar com muita frequência na prática dos professores. Esse é um dado interessante que Silva e Oliveira (2021) apontam em pesquisa realizada com estudantes e professores do ensino superior.

Os dispositivos (auto)biográficos, em que a narração figura como forma do sujeito produzir uma escrita de si, foram significativos para que as experiências de atuação docente no ensino de Filosofia pudessem ser registradas, desvelando os sentidos que atribuem a cada experiência, concebida neste trabalho como didáticas insurgentes. Assim, a narrativa demarcou um lugar onde o sujeito organizou sua compreensão do desafio profissional em tempos de pandemia, em um constante movimento de reflexão e autorreflexão, focalizando as experiências produzidas nas temporalidades, no cotidiano e na própria atuação profissional da docência universitária, e revelando como todo esse percurso tem relação com a produção de saberes e experiências no ensino de Filosofia na universidade.

Referências

- ANASTASIOU, Léa. das Graças. Camargo.; ALVES, Leonir. Pessate. (org.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2009.
- DELORY-MOMBERGER, Cristine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga, Maria da Conceição Passeggi e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012.
- FABBRINI, Ricardo. Nascimento. O ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento. **Trans/Form/Ação**, vol. 28, no.1, p.7-27, 2005. ISSN: 0101-3173
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 17-34.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LYOTARD, Jean François. **O Pós-Moderno explicado às crianças**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- PENNA, Alessandra Costa. **Estilos de Aprendizagem e ambientes de ensino**: estudo comparativo dos estilos verbalizados e verbalizador nos contextos presencial e a distância.

Rio de Janeiro: UFRJ. 2007.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo**. Petrópolis: Vozes, 2008

SILVA, Franklin. Leopoldo da. Função social do filósofo. *In: Textos Filosóficos*. São Paulo: Secretaria do Estado da Educação de São Paulo, 1986, p.15-30.

SILVA, Fabrício. Oliveira da; ALVES, Ingrid da Silva. Contribuição do PIBID para a prática profissional: aprendizagens da docência por homologia na formação inicial. **Revista Exitus**, [S.l.], v. 10, n. 1, e020104. DOI: [10.24065/2237-9460.2020v10n1ID1499](https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n1ID1499)

Disponível em:

<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1499>

Acesso em: 3 set. 2021.

SILVA, Fabrício Oliveira da.; OLIVEIRA, Lécia Carneiro. Ensino e aprendizagem de leitura na universidade: desafios da relação professor e estudante. **Poiesis Pedagógica**, Catalão, v. 19, e-65470, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/65740/37155>

Acesso em: 4 nov. 2021

SOBRE O AUTOR

Fabrício Oliveira da Silva. Pós-/Doutor e Doutor em Educação pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UEFS. Líder e Professor pesquisador do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO. Líder e Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária - NEPPU da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Contribuição de autoria: Autor - <http://lattes.cnpq.br/9101271365317978>

Como citar este artigo

SILVA, Fabrício Oliveira da. Didáticas insurgentes da relação professor e estudante no ensino de filosofia. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 01, e11175, 2022. DOI: 10.22481/redupa.v1.11175